

Simpósio Temático : « Páginas da arquitetura moderna brasileira nas revistas especializadas »

A casa como habitat: a utopia moderna do morar nas páginas de uma revista brasileira

Maria de Fátima de Mello Barreto Campello. Doutorado. FAU / UFAL.

Resumo

Neste trabalho, mostramos como Lina Bo Bardi constrói uma utopia moderna do morar nos pequenos ensaios que escreve e no seu trabalho editorial nas páginas da revista Habitat no período de 1950 a 1954. São inúmeras as reportagens que ela publica dedicados à cultura material do índio, do caboclo, do homem do interior do Nordeste e do caçara. Artigos sobre a cerâmica dos índios carajás, sobre os trabalhos em plumas, vasos e tecidos indígenas, instrumentos musicais, jangadas, ex-votos. A essa grande quantidade de artigos, somam-se aqueles que se referem especificamente à arquitetura. Os próprios títulos dos pequenos ensaios sugerem o referencial popular escolhido para tratar o tema da habitação dos tempos modernos no Brasil: “Amazônas — o povo arquiteto”, “Porque o povo é arquiteto?”, “Casa de 7 mil cruzeiros”, entre outros. Ao observar estas moradas, o que a fascina é principalmente um determinado modo de vida, no qual se contempla uma idéia de integração e continuidade entre habitação e ambiente. Nessa arquitetura, está implícita uma vontade de transparência, mesmo quando se utilizam em seu corpo materiais opacos: o espaço em torno invade a casa, desenha o mobiliário e os objetos de uso diário, definindo a cultura e o comportamento do homem. É a essa maneira de morar, que parte do pressuposto do homem como parte da natureza, idealizada pelo arquiteto moderno e experimentada pelo homem simples, que Lina Bo Bardi denomina de habitat. Por isso, assim nomeia a revista que funda.

Palavras-chave : Lina Bo Bardi, utopia moderna do morar, revista Habitat.



Home as habitat: modern utopian living in the pages of a Brazilian magazine

In this study, we show how Lina Bo Bardi developed her idea of modern utopian living short essays and editorials published in the pages of Habitat magazine between 1950 and 1954. She published numerous reports on the material culture of indigenous Brazilians, of Brazilians of mixed race, of the rural people of the Northeast part of the country and the fishing communities of the Southeast. She wrote articles on the ceramics of the Carajá people, on work using plumes, vases, indigenous fabrics, musical instruments, jangada watercraft, and votive offerings. In addition to this vast opus, she also published pieces specifically on architecture. The titles of these short essays alone give a good idea of the inspiration she derived from the common people in dealing with the issue of housing in modern times in Brazil: “Amazônas — a people of architects”, “Why the common people are architects?”, “the C\$7,000 House”, among others. The most fascinating thing about these dwellings is the particular way of life, which involves a certain integration of and continuity between dwelling and environment. It is implicit in the very nature of this architecture to strive to be transparent, even when it is made up of opaque materials; the surrounding space invades the home, molds the furniture and everyday objects, shaping both culture and human behavior. It is this way of living, based on the presumption that human beings are a part of nature, idealized by the modern architect and experimented with by the common man, that Lina Bo Bardi calls habitat—the name she also gave to the magazine she founded.

Key-words: Lina Bo Bardi, utopian modern living, Habitat magazine.



*“[...] (*Habitat*’ significa ambiente, dignidade, conveniência, moralidade de vida, e portanto espiritualidade e cultura: é porisso que escolhemos para titulo desta nossa revista uma palavra intimamente ligada à arquitetura, à qual damos um valor e uma interpretação não apenas artística, mas uma função artisticamente social) [...]”¹*

Fundada quatro anos após a chegada de Lina Bo Bardi ao Brasil, a revista *Habitat* será testemunha da sua visão abrangente sobre a arquitetura, expressa no próprio título escolhido para a publicação e no entendimento do significado dessa palavra.²

Na época da sua fundação, Lina está ainda sob forte impacto do lugar novo e deixa transparecer, na atividade projetual que realiza no final dos anos 40, uma maneira própria de ver o País. Claras referências são feitas à necessidade de adaptação do mobiliário ao “clima” e à “terra”, e ao caráter nacional dos materiais utilizados nas cadeiras e poltronas desenhadas por ela³. No projeto para o restaurante Prato de Ouro, identifica-se a inspiração dos desenhos das paredes nos balões de São João⁴. A rede inspira seus primeiros trabalhos em terras brasileiras.

“Nos navios ‘gaiola’ que navegam os rios do norte do país a rêde [sic] é, como em todo o resto do país, a um só tempo leito e poltrona. A aderência perfeita à forma do corpo, o movimento ondulante, fazem dela um dos mais perfeitos instrumentos de repouso. As poltronas que ilustram estas duas páginas nascem da rêde [sic]. Diferem da conhecida ‘tripolina’ de couro, igualmente inspirada no princípio do ‘forro solto’, pelo movimento ondulante que o corpo pode imprimir ao fôrro [sic].”⁵

Lina realiza no Brasil viagens de pesquisa por várias regiões do Brasil. A fascinação primeira pela região Amazônica é evidente. Nos números da revista *Habitat*, sob sua direção, apresenta reportagens sobre a cultura material do índio, do caboclo, do homem do interior do Nordeste e do caíçara. Artigos sobre a cerâmica em constante evolução dos índios carajás, nos quais eles são comparados a “Picassos de tanga”; sobre

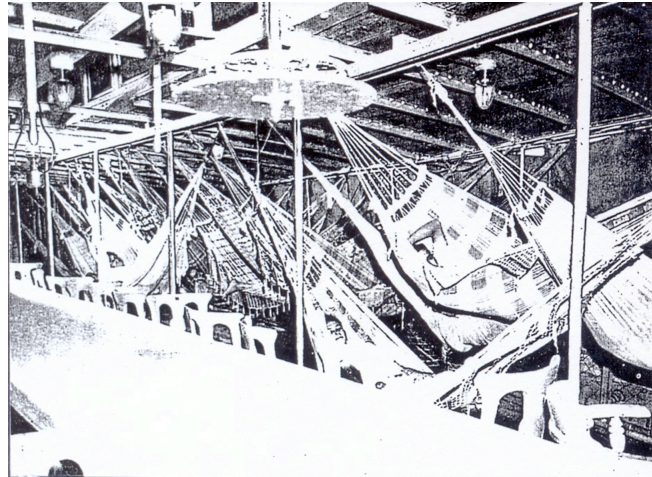
¹ HABITAT (1950) Prefácio. /Editorial/. n.1, out.-dez.

² Uma versão ampliada deste trabalho, englobando também os textos de Lina Bo Bardi em revistas italianas, foi publicada com o título *A casa moderna e a cabana primitiva* no site do seminário 50 anos de Lina Bo Bardi na encruzilhada da Bahia e do Nordeste. <http://www.docomomobahia.org/linabo/>.

³ HABITAT (1950a) Móveis novos. n.1, out.-dez., p. 53.

⁴ HABITAT (1951a) Um restaurante. n.2, p.30, jan.-mar.

os trabalhos em plumas; vasos e tecidos indígenas; instrumentos musicais nativos; jangadas; a pintura e a arte popular, ex-votos⁶; entre inúmeros outros.



1. Ilustração de artigo dedicado às poltronas projetadas por Lina Bo Bardi. *Habitat*, 1950.

A essa grande quantidade de artigos, somam-se aqueles que se referem especificamente à arquitetura, que são a Lina Bo Bardi atribuídos por Flávio Motta⁷. Os próprios títulos dos pequenos ensaios, sugerem o referencial popular acolhido pela Arquiteta para tratar o tema da habitação dos tempos modernos no Brasil: *Amazônas* [sic] — *o povo arquiteto*, *Porque o povo é arquiteto?*, *Casa de 7 mil cruzeiros*, entre outros⁸. Depoimento de Assis Chateaubriand sinaliza a direção seguida por ela na busca da cultura nativa:

“O tema é vasto. Não o exploraria. Mas Lina Bo pretende um artigo, para ‘Habitat’, e me trouxe, com o pedido, a sugestão. Uma artista da lucidez de Lina Bo viu logo no

⁵ HABITAT (1950a), p. 54.

⁶ Respectivamente: CALDAS, Carlos Cortese (1952) Cerâmica dos carajás. *Habitat*, n.7, p.61-70, abr.-jun, ver especificamente p. 65; HABITAT (1952) A civilização das plumas. Plumais, elementos de moda. n.8, p.31-3, jul.-set.; VILLA, Emilio (1952) Vasos e tecidos brasileiros num Museu Romano. *Habitat*, n.8, jul.-set.; HABITAT (1952a) Nossos instrumentos musicais. n. 8, jul.-set.; MARTINS, Fran (1952) A jangada segundo Albuquerque. *Habitat*, n.8, p.50-7, jul.-set.; HABITAT (1951b) Arte popular. São Paulo, n.5, p.55, out.-dez; VALLADARES, José (1952) Pintura popular na Bahia. *Habitat*, n.6, p.28-31, jan.-mar; ARAÚJO, Alceu Maynard (1951) Ex-votos e premissas. *Habitat*, n. 4, p. 42-5, jul.-set.

⁷ MOTTA (1955). Entrevista dada à autora. Na ocasião Flávio Motta se refere aos artigos em questão como um bloco, sem citá-los um a um.

⁸ Respectivamente: HABITAT (1950b) Amazônas: o povo arquiteto. n.1, p. 68-71, out.-dez; HABITAT (1951c) Porque o povo é arquiteto. n.3, abr.-jun.; HABITAT (1951) p. 4.-5; HABITAT (1952b) Construir é viver. n.7, abr.-jun., p. 3-9. HABITAT (1952c) Construir com simplicidade. n.9, p. 15, set.-dez; HABITAT (1953) O Povo é arquiteto. n.10, jan.-mar.

aborígene a matéria prima de novas inspirações artísticas, a contribuição valiosa à causa da cultura. A civilização cosmopolita do litoral, de que são expressão grandes cidades megalopolitanas, como São Paulo e Rio, perdeu contato com uma das fontes das origens das nossas populações. São Paulo é hoje o planalto, onde o homem branco, procedente do outro lado do Atlântico, acampou, transmitindo ao brasileiro a forte herança cultural de que era portador. O crescimento das populações se faz, porém, pela inter-ação [sic], pela reciprocidade de influências. O estudo do povoamento do planalto, na pesquisa de fontes antigas e contemporâneas, põe à mostra a extraordinária influência do elemento nativo, no desenvolvimento da colonização, no povoamento da região que iria a ser predestinada às mais audaciosas iniciativas, e na formação de usos e costumes, que se cristalizaram em São Paulo.”⁹ .

Lina Bo Bardi não se dedica a estudar a “arquitetura menor” das cidades brasileiras, trazida pelos colonizadores e adaptada aos poucos às condições nacionais. A ela importa pesquisar apenas a morada que está o mais próxima possível da idéia de simples abrigo, construída com materiais naturais em estado bruto. Aquelas “casas mínimas, de colonos” como Lúcio Costa as denomina ¹⁰, únicas habitações que ele recomenda serem documentadas, por considerá-las ainda vivas. Lina quer descobrir as marcas de uma maneira de construir o mais autêntica possível, que permanece até os dias de hoje filtrada por mãos estrangeiras, mas cuja origem remonta aos tempos de descoberta do País. Ela vê em Lúcio Costa um aliado na construção de uma genealogia da casa brasileira, quando ele isola o elemento culto, de influência europeia direta, e baseia seu trabalho na arquitetura leiga portuguesa trazida para o Brasil.

“ [...] Lúcio Costa é um intérprete e defensor dos caracteres 'nacionais' (já dissemos em que sentido entendemos essa palavra), da arquitetura brasileira. Em suas realizações encontramos, com efeito, tais caracteres, como se dá no conhecido Conjunto do Parque Guinle, no Rio, do qual reproduzimos um detalhe. Éle [sic] remonta às origens da autêntica arquitetura brasileira, descobrindo seu

⁹ CHATEAUBRIAND, Assis (1954) O índio e o homem do planalto. *Habitat*, n. 14, p. 1, jan.-fev.

¹⁰ COSTA (1936)(1954), p. 25.

caracter [sic] genuino [sic] não na arquitetura 'oficial' portuguesa, mas na 'popular', transferida - na pessoa dos antigos mestres e pedreiros 'incultos' - para nossa terra. Ele acha êsse [sic] início, ótimo, aquilo que deu à arquitetura brasileira, 'êsse [sic] ar desprezioso e puro que ela soube manter, apesar das vicissitudes por que passou, até meados do século XIX'. E ainda 'A nossa casa se apresenta assim, quase sempre, desataviada e pobre, comparada à opulência dos 'pallazzi' e 'ville' italianos, dos castelos de França e das 'mansions' inglesas da mesma época, ou à aparência rica e vaidosa de muitos solares hispano-americanos, ou, ainda, ao aspecto palacetado e faceiro de certas residências nobres 'portuguesas'. E êsse [sic] caracter de domesticidade e modestia [sic], tão claramente focalizado, e quase recomendado, caracter [sic] que se encontra intacto nas primeiras arquiteturas de Oscar Niemeyer e de outros arquitetos seus conterrâneos, explica o sucesso da arquitetura brasileira, que apareceu de repente ao mundo, saído [sic] de uma experiência sangrenta, da guerra contra a retórica, como um apêlo [sic] a um sentido honesto e jubiloso da vida.'"¹¹

São o meio rural e os pequenos povoados que Lina Bo Bardi acredita que ainda estão plenos de marcas de identidade. Nos caminhos interioranos percorridos, encontra no Brasil um estado de viver muito antigo, onde as modos de vida, a situação cultural e econômica mudaram muito pouco. Conservam-se, desde muito tempo, as mesmas condições rudimentares de que falara Le Corbusier: *"Não há homem primitivo; mas meios primitivos. Potencialmente, a idéia é constante desde o começo."*¹²

São as condições naturais de preservação que ela acredita possíveis apenas para aquelas culturas que permanecem afastadas e isoladas da cultura das grandes cidades. Ela encontra nessas regiões, intacta, uma mina de formas e procedimentos arcaicos de construir. Vê grande quantidade de trabalhos que são feitos da mesma maneira há séculos; espaços que permanecem ou são transformadas muito lentamente, porque persistem as necessidades fundantes que os geraram. Nesse sentido, ela se refere à existência, no sertão nordestino, de "uma certa estrutura 'clássica' Grego-

¹¹ BARDI, Lina Bo (1957), p.70.

¹² LE CORBUSIER (1923)(1989), p.43.

Romana"¹³ e compara a exatidão de algumas casas que encontra no Brasil com a das “casas e habitações dos antigos gregos e romanos”¹⁴.

A visão dessas moradas rudimentares remetem Lina Bo Bardi à origem da história e da civilização. A procura de marcas longínquas de identidade, a construção de uma idéia de tradição genuinamente brasileira se faz em Lina Bo Bardi segundo princípio explicitado por suas próprias palavras: “[...] seu ‘particular’ que, como dizia Goethe [,] é o único caminho para chegar a um discurso ‘Universal’.”¹⁵

A arquitetura documentada por Lina Bo Bardi nas páginas da revista *Habitat* é bastante precária, construída na sua maioria com materiais brutos, retirados diretamente das florestas abundantes. Para ela, o homem que dispõe dos recursos da natureza para construir sua casa, que pode erguê-la por completo sem precisar de outros materiais, não é um homem pobre¹⁶. Predominam nas reportagens os abrigos descendentes da cabana de ramos do abade Laugier. Ao caráter de fragilidade diante do tempo, intrínseco a essas habitações, algumas erguidas completamente de palha, ela associa uma condição moderna da arte.

É principalmente um determinado modo de vida, no qual se contempla uma idéia de integração e continuidade entre habitação e ambiente, que fascina Lina Bo Bardi ao ver estas moradas. Nessa arquitetura, está implícita uma vontade de transparência, mesmo quando se utilizam em seu corpo materiais opacos: o espaço em torno invade a casa, desenha o mobiliário e os objetos de uso diário, definindo a cultura e o comportamento do homem. Um “homem estético”¹⁷, anunciado por Lina, que modela com as próprias mãos os elementos de que precisa para sua vida e com os quais rompe os limites estanques da arte. É a essa maneira de morar, idealizada pelo homem moderno e experimentada pelo homem simples, que Lina denomina “habitat”.

¹³ BARDI, Lina Bo apud FERRAZ (1993), p. 274.

¹⁴ HABITAT (1953) Nesse mesmo sentido, converge o entendimento de COSTA (1936)(1954).

¹⁵ BARDI, Lina Bo. Duas linhas sobre Pierre Verger. In: RISÉRIO (1995), p. 232.

¹⁶ HABITAT (1952b), p. 6.

¹⁷ BARDI, Lina Bo; GONÇALVES, Martim (1959) Exposição Bahia. *Habitat*, n. 56, p. 30.



2. Habitat, 1952. Construção com materiais retirados diretamente da mata.

Em uma das reportagens, ela registra, nas "ruas líquidas" ¹⁸da Amazônia, construções feitas de árvores: folhas secas de palmeiras, troncos roliços, tábuas brutas. Abrigos transparentes para a natureza, nos quais a luz desenha os pisos e penetra nas habitações através de nergas. São casas que se erguem do solo, sobre palafitas, para protegerem-se da elevação temporária das águas dos rios e dos bichos da mata próxima. Para ela, o princípio de vida que esculpe essas habitações povoa o Brasil inteiro:

"[...]O conceito verdadeiro do Brasil trabalhador, país de cimento, espaços e riquezas, sua atividade generosa - esse conceito, dizia, deveria ser baseado inicialmente nas camadas sociais do interior, ao longo de rios fabulosos, nos cafezais, nas fazendas de algodão, e nos seringais, nas pontes e oficinas. O milagre de uma sociedade que fala uma só língua [sic] há séculos, que se criou numa amalgama [sic] de elementos históricos provindos de continentes tão diversos ... É porisso [sic] que reproduzimos aqui [sic] o habitat de nossa gente no Amazônas [sic], com sua casa de uma arquitetura extremamente funcional e muito estética,

¹⁸ Termo usado em HABITAT (1950b), p. 68.

agradável, com cenas da vida cotidiana, que se manifestam através das alegrias do homem simples.”¹⁹

O encontro de Lina Bo Bardi com a arquitetura popular não se efetua no sentido de elencar formas, materiais ou detalhes que possam ser repetidos mimeticamente; seu trabalho se desenvolve em sentido contrário àquele dos manuais de arquitetura. Os exemplares são acolhidos como fonte de inspiração, naquilo que possuem em comum com os postulados do Movimento Moderno. Nesse sentido, esclarece-se, em um dos artigos da revista *Habitat*, dedicado aos tecidos indígenas:

“Ninguém deseja ‘tecidos etnográficos’, como já e frequentemente [sic] se fêz [sic], com um gosto [sic] discutível, quando não tolo.

Queremos apenas dizer que êstes [sic] produtos devem ser vistos, sentidos, compreendidos, porque a fôrça [sic] de humanidade e de capacidade que contêm, são [sic] cargas das quais pode saltar uma sugestão, uma inspiração, um dado concreto sobre o qual estudar e trabalhar.”²⁰

No projeto de Lina Bo Bardi para a Igreja do Santo Espírito do Cerrado, em Uberlândia, realizado em 1976, no grande salão destinado a eventos comunitários, a solução de fechamento das laterais com madeiras roliças apenas encostadas umas nas outras é trabalhada, obtendo-se efeito de luz e transparência semelhantes ao das casas do Amazonas. Mas, a junção dos troncos se faz com perfil de ferro e recursos de tecnologia industrial.

Em um dos artigos da revista, a construção de uma casa “sem projeto”²¹ na Amazônia é mostrada em todas as etapas como uma casa moderna em seus princípios, toda elaborada com os materiais recolhidos do ambiente em torno. Ergue-se em primeiro lugar a estrutura, completamente vazada e independente dos elementos de fechamento. Em seguida, a habitação é coberta e o piso armado, suspenso, sem tocar o solo. Por último, suas laterais são preenchidas e os espaços limitados. Sem portas, o espaço interior e o exterior diluem suas fronteiras e se colocam em continuidade. As bananeiras e vitórias-régias formariam o jardim “natural”.

¹⁹ HABITAT (1950b), p.68.

²⁰ VILLA (1952).

²¹ HABITAT (1952, b), p. 5.



3. Etapas de construção de uma casa. Habitat. 1952.

Mas essa arquitetura, celebrada por não ter sido projetada em escritórios de arquitetura, não é um resultado espontâneo. No entendimento de Lina Bo Bardi, são habitações desenhadas segundo um conhecimento filtrado de pai para filho, ao longo de séculos. Com essa compreensão, ela propõe reconciliarem-se o arquiteto e uma tradição em movimento, a qual se produz a partir da prática do canteiro de obras e se renova a cada dia no próprio fazer. Ela coloca em evidência os resultados “anônimos, coletivos e aperfeiçoáveis” da arquitetura rural, valoriza nela,²² qualidades inerentes ao modelo clássico. Explica:

“Nem todas as pessoas têm a capacidade de construir uma casa; mas achamos que a maioria sabe aplicar e aperfeiçoar aquela série de regras e princípios transmitidas de geração para geração. [...] José sentiu o prazer da arquitetura, o gosto do planejar, de sistematizar sua vida embaixo de um teto: um dos mais nobres prazeres do homem. Conhecia, por tradição, a arte de construir e a sua belíssima casa ali está, firme, espaçosa e agradável, no meio da natureza, em plena selva, no

²² Sobre o assunto consultar CIUCCI (1989), p. 162. Verificar também coincidência de entendimento já referida em COSTA (1936) (1954).

*coração do Amazonas. Aquele mundo exuberante que é o Amazonas tem na habitação de José um pequeno momento de ordem, de carinho e poesia humana, onde tão bem se compreende que construir é viver [...]*²³

Ela apresenta uma genealogia da casa moderna com modelos que têm a possibilidade de serem vivenciados por ela: as palafitas do Rio Negro, do Purus, do Acre, do Espírito Santo. Para ela, a arquitetura moderna brasileira é uma “bela criança”, porque teve a oportunidade de nascer em bom berço:

“[...] A arquitetura contemporânea brasileira não provém da arquitetura dos Jesuitas [sic], mas do “pau a pique” do homem solitário, que trabalhosamente cortara os galhos na floresta, provem [sic] da casa do ‘seringueiro’ com seu soalho de troncos e o telhado de capim, é aludida, também ressonante, mas possui [sic] em sua resolução furiosa de fazer, uma soberbia [sic] e uma poesia, que são a soberbia [sic] e a poesia do homem do sertão, que não conhece as grandes cidades da civilização e os museus, que não possui [sic] a herança de milênios, mas suas realizações - cuja concretização foi somente [sic] possível por esta sua soberbia [sic] esquiva - fazem deter o homem que vem de países [sic] de cultura antiga.

*[...] Esta falta de polidez, esta rudeza, este [sic] tomar e transformar sem preocupações, é a força da arquitetura contemporânea brasileira, é um contínuo possuir em si, entre a consciência da técnica, a espontaneidade e o ardor da arte primitiva [...]*²⁴

A atenção de uma das reportagens da revista *Habitat* detém-se no ceramista que vive nos limites da miséria. Atribui-se ao artesão uma percepção do mundo de caráter intuitivo e individual. Identifica-se nele uma alma independente do lugar e do tempo, pertinente apenas a uma condição de vida que lhe é possibilitada por pertencer a sua condição social.

“A cerâmica do Noroeste é sem dúvida a única manifestação do engenho e da ingenuidade do povo brasileiro, do povo que reside no interior e que se manifesta por meio de sentimentos primitivos.

²³ HABITAT (1952b), p.3.

²⁴ BARDI, Lina Bo (1951d) Bela criança. *Habitat*, n. 2, p.3, jan.- mar.

*[...] O caboclo ceramista reproduz principalmente os animais com quem [sic] éle [sic] vive, as cenas de caças, as cenas das vidas próprias das aldeias, porém sem subentendidos naturalistas ou de naturalismo convencional. [...] Ele age inconscientemente, traduzindo em formas e côres [sic] puras, algo que éle [sic] sempre possuiu, porque herdou de seus antigos. Entre uma cerâmica popular do Marajó, [sic] e uma cerâmica popular do Noroeste não podem se distinguir estados de espírito: é sempre a mesma coisa. Êste [sic] ceramista, longe de sua choupana e em contacto com outros ambientes, perderá qualquer capacidade, pois tôdas [sic] suas capacidades são atmosferas telúricas, são o humus [sic] da terra que éle [sic] respira."*²⁵

Para Lina Bo Bardi, a arquitetura “espontânea” que tem qualidades para ser estudada não é a casa burguesa, mas sim aquela de origem popular. Para ela, o povo com sua condição classe social é o herdeiro, nos tempos de hoje, do legado puro do homem primitivo. Seu trabalho possui valores morais e estéticos. A funcionalidade, presente nos artefatos que produz, resultante do seu empenho pessoal, está indissociavelmente unida à pobreza e à dignidade do trabalho.

“Os pobres são arquitetos porque não têm as idéias extravagantes dos ricos a respeito da casa. O pobre sabe quanto custa uma parede lisa; o rico pensa em como completar uma parede lisa. O estado de espírito é, pois, diferente desde as bases, e origina dois produtos totalmente diferentes; no primeiro caso: simplicidade, racionalidade, construtura lógica; no segundo caso: complicação, irracionalidade, construtura viciada de decorações (não queremos naturalmente a acusação de sermos contra a decoração; no entanto, somos decididamente contra certa decoração. A casa não é um jôgo [sic] decorativo, mas antes uma necessidade humana). O povo é sempre singelo e racional: não tem preocupações de estética, de tradição, de moral, de arte. Todavia, os freios e os limites de sua exuberância, de suas virtudes, de seu senso de arte, agem espontâneamente [sic], por um impulso atávico, por espírito tradicionalista inconsciente, que se manifestam fora e além de toda [sic] premeditação, de todo programa, de toda preocupação espetacular. [...]

²⁵ HABITAT (1951e) Cerâmica do Noroeste. São Paulo, n. 2, p. 72, jan.- mar.

*Ordeiro e sadio, o povo respeita com completa avaliação da vida os limites da eternidade e da dimensão, e após o trabalho, saborea [sic] a intimidade de sua casa, construída [sic] dia após dia, pedra sobre [sic] pedra com grandes sacrifícios.*²⁶



4. Habitat. 1951.

As marcas que os rudes artesãos deixam nos objetos, ao moldá-los com instrumentos rudimentares, fascinam esses observadores sensíveis e atentos. Eles procuram, nesses artefatos, as pistas da natureza interior dos homens, os sulcos deixados por seu gesto, as quebras provocadas pelo uso no transcorrer do tempo. Esses objetos são continuidade de seu corpo, porque produzidos na exata medida de sua necessidade²⁷. Simbolizam uma ordem e uma lógica inerente às necessidades da vida.

²⁶ HABITAT(1951c).

²⁷ Sobre noção de "objeto tipo" em Le Corbusier consultar MARTINS, Carlos Alberto Ferreira (1992). *Razón, Ciudad y Naturaleza: La génesis de los conceptos en el urbanismo de Le Corbusier*. Madrid. Tese (Doutorado) - ETSAM, Universidad Politécnica de Madrid.

“[...] Não há nada de bonito, o artista ‘moderno’ os olha porque sente instantaneamente em suas formas aquela simplificação repleta de emotividade, aquela comunicação súbita implícita nas coisas que trazem ainda em si a marca da natureza, que possuem ainda uma ‘verdade’.”²⁸

Na última reportagem da série sobre habitação popular na revista *Habitat*, Lina Bo revela seu procedimento ao modelar o habitat do homem moderno: o homem, na expressão concreta da sua vida, e as formas da natureza são tomados como fonte de estudo e únicos geradores das possibilidades de forma, espaço e composição. A arquitetura que sobreviveu a finalidades práticas, moldada com todo engenho e imaginação, deve ser considerada como parte da natureza e também motivo de inspiração.

“O povo nasce com a arquitetura no sangue, porque nasce com o espírito inato, da procura das necessidades, das oportunidades, das funções da vida. Pouco a pouco tal espírito inato e instintivo, [sic] se transforma em inteligência e conhecimento dos problemas concretos. Sabe o povo que, se de um lado ‘o estilo é o homem’, por outro lado, ‘o estilo é a natureza’. Não é fácil dar-se conta e aprender essa máxima que a nós se nos afigura fundamental. O povo, ao contrário, quando não é viciado e não se deixa levar pelo desejo de imitar as formas cultas ou urbanas, da arquitetura de gabinete, chega com segurança às suas finalidades. Finalidades que são, repetamos: economia, propriedades dos materiais, exato emprêgo [sic] das funções, conhecimento dos resultados práticos. Não é verdade que o sentimento arquitetônico popular obedeça exclusivamente às estritas condições de sua miséria: às vezes, ao contrário, surge-nos ele [sic] mais rico de achados e soluções, mais cheio de lógica do que as deformadas estruturas inventadas pelos arquitetos em busca de subtilezas herméticas ou de formas extravagantes, que correspondem, em realidade [...] Porque o povo acima de tudo se aborrece com uma coisa: com tudo aquilo que é inútil. Quando o rico se aborrece, o pobre repousa, tem necessidade de repousar. Por isso, as paredes que levanta sobre [sic] a terra devem ser paredes

²⁸ HABITAT (1951f) Dois objetos. São Paulo, n. 5, p. 64, out.- dez.

*amigas. Devem, de todos os modos, favorecer a serenidade e não a inquietude; a paz, não as fantasias tortuosas.”*²⁹

Acreditamos que essas experiências de documentação e vivência da arte, arquitetura, objetos e mobiliário populares, compartilhadas com o público nas páginas da revista, levam Lina Bo Bardi a construir esta idéia da casa como habitat e a tomá-la como guia para desenhar seus espaços de morar.

²⁹ HABITAT (1953) p. 52.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard (1951). Ex-votos e premissas. In *Habitat*, n. 4, jul.-set.
- BARDI, Lina Bo (1957). *Contribuição propedêutica ao ensino da teoria da arquitetura*. Tese apresentada ao Concurso da Cadeira de Teoria de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. /Mimeografado/.
- BARDI, Lina Bo; GONÇALVES, Martim (1989-1991). Exposição Bahia. In: TELLES, Sophia da Silva, coord. *Dossiê Lina Bo Bardi*. 3 v. Campinas, PUCCAMP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Depto. de Fundamentos Teóricos, Centro de Apoio Didático.
- BARDI, Lina Bo (1995). Duas linhas sobre Pierre Verger. In: RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.
- CALDAS, Carlos Cortese (1952). Cerâmica dos carajás. In *Habitat*, n.7, abr.-jun.
- CHATEAUBRIAND, Assis (1954). O índio e o homem do planalto. In *Habitat*, n. 14, jan.-fev.
- CIUCCI, Giorgio (1989). ***Gli architetti e il fascismo - architettura e città, 1922-1944***. Turim, Einaudi.
- COSTA, Lúcio Razões da nova arquitetura (1936)(1954). In: CENTRO DE ESTUDOS DE TEORIA DA ARQUITETURA. Faculdade de Arquitetura. *Estudos e artigos de Lúcio Costa*. Porto Alegre. /Mimeografado/.
- FERRAZ, Marcelo de Carvalho coord (1993). *Lina Bo Bardi*. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.
- HABITAT (1950b). Amazônas: o povo arquiteto. São Paulo, n.1, out.-dez.
- HABITAT (1950). Prefácio. São Paulo, n.1, out.-dez.
- HABITAT (1950a). Móveis novos. São Paulo, n.1, out.-dez.
- HABITAT (1951a). Um restaurante. In *Habitat*, n. 2, jan.-mar.
- HABITAT (1951c). Porque o povo é arquiteto? São Paulo, n.3, abr.-jun.
- HABITAT (1951d). Bela criança. n. 2, jan.-mar.
- HABITAT (1952b). Construir é viver. São Paulo, n.7, abr.-jun.
- HABITAT (1951). Casas de 7 mil cruzeiros. São Paulo, n.3, abr.-jun.
- HABITAT (1952c). Construir com simplicidade. São Paulo, n.9, set.-dez.
- HABITAT(1953). O povo é arquiteto. São Paulo, n.10, jan.-mar.
- HABITAT (1951e). Cerâmica do Noroeste. São Paulo, n.2, jan.-mar.
- HABITAT (1951b). Arte popular. São Paulo, n.5, out.-dez.
- HABITAT (1951f). Dois objetos. São Paulo, n.5, out.-dez.
- HABITAT (1952). A civilização das plumas. Plumas, elementos da moda. São Paulo, n.8, jul.- set.
- HABITAT (1952a). Nossos instrumentos musicais. São Paulo, n.8, jul.-set. 1952.
- LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 1923 /1989.
- MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. *Razón, Ciudad y Naturaleza: La génesis de los conceptos en el urbanismo de Le Corbusier*. Madrid. Tese (Doutorado) -

Universidad Politecnica de Madrid, ETSAM. Universidad Politécnica de Madrid, 1992.

MARTINS, Fran (1952). A jangada segundo Albuquerque. *Habitat*, n.8, , jul.- set.

VALLADARES, José (1952). Pintura popular na Bahia. In *Habitat*, n.6, jan.-mar.

VILLA, Emilio (1952). Vasos e tecidos brasileiros num Museu Romano. *Habitat*, n.8, jul.-set.

